

# Escala de Satisfação de Professores de Educação Física: Procedimentos de Construção e Validação<sup>1</sup>

J. António Moreira<sup>2</sup>, António Gomes Ferreira<sup>3</sup> e Joaquim Armando Ferreira<sup>4</sup>

## Resumo

Este trabalho apresenta um estudo que descreve os procedimentos da construção de uma escala de satisfação de professores da área da educação física, designada de Escala de Satisfação de Professores de Educação Física (ESPEF), e as suas qualidades psicométricas. Depois de considerações sobre o construto e sua operacionalização, realizou-se a análise dos procedimentos da sua construção e procedeu-se à análise de validade de construto (análise fatorial) e à análise da consistência interna através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. Para além de bons indicadores de validade, globalmente, as medidas aplicadas caracterizam-se por uma fidelidade boa e estruturas fatoriais interpretáveis.

Palavras-chave: satisfação docente; educação física escolar; escala de avaliação

## Introdução

A nossa prática profissional em instituições de formação de professores tem contribuído para uma maior atenção e preocupação com questões inerentes à construção e desenvolvimento da satisfação dos profissionais desta área. Nesse sentido, procurámos desenvolver um estudo que indagasse a forma como os professores de educação física, provindo de diferentes escolas de formação, avaliam o contributo de fatores intrínsecos à profissão e dos fatores extrínsecos para a sua satisfação profissional. No entanto, verificámos, após uma análise exaustiva

1 Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

2 Doutor em Ciências da Educação, Departamento de Educação e Ensino à Distância, Universidade Aberta, Portugal. Email: jmoreira@uab.pt

3 Doutor em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.

4 Doutor em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.

da literatura acerca do construto em questão, a inexistência de um instrumento que nos permitisse avaliar a satisfação dos professores deste grupo disciplinar, que apresenta algumas especificidades devido à natureza da disciplina. Apesar de alguma similaridade com os professores de outras áreas disciplinares, existem determinadas componentes que são específicas deste grupo, nomeadamente questões relacionadas com as instalações, com os equipamentos, com as condições físicas para a prática da educação física ou com aspetos relacionados com as tarefas diárias da docência da disciplina ou até mesmo com o reconhecimento social do professor da área da educação física (Ferreira, Moreira, & Moreira, 2011). Ainda ponderámos utilizar o *Teacher Job Satisfaction Questionnaire* (TJSQ) de Lester (1982), validado por Seco (2000) para a população portuguesa, mas devido a estas especificidades considerámos que essa não seria a melhor opção, pelas razões apontadas. Decidimos, pois, construir uma escala que nos permitisse avaliar a satisfação dos professores deste grupo disciplinar. São as principais etapas e procedimentos da construção dessa escala, que intitulámos de *Escala de Satisfação de Professores de Educação Física (ESPEF)* e as suas qualidades psicométricas, que pretendemos aqui apresentar.

Assim, após breves considerações sobre o construto e sua operacionalização, descreveremos os principais procedimentos relativos à sua construção e validação, tendo como referência: as etapas da sua conceção; o que mede especificamente; o tipo de operacionalização que representa; a análise de validade de construto e a análise da consistência interna, através do cálculo do coeficiente alfa de *Cronbach*.

## **A satisfação profissional docente**

A problemática da (in)satisfação docente assume, atualmente, uma importância cada vez mais acentuada, mas apesar dessa importância, não existe, ainda, uma definição que seja unanimemente aceite pelos muitos investigadores desta área. É um construto, em torno do qual subsiste, ainda, alguma indeterminação, sobretudo no que concerne à importância atribuída às diversas facetas inerentes à satisfação profissional e aos fatores que lhe estão associados.

Se é um facto que não existe consenso entre os investigadores, em torno da delimitação de um conceito tão complexo, é provável que a causa de grande parte dessa falta de concordância se situe nos diferentes quadros de referência utilizados para identificar os fatores associados ao construto em análise, do que na ausência de investigação empírica. Apesar de o número exato e de a natureza dos fatores variarem de investigação para investigação, os resultados apoiam consistentemente

uma perspetiva multidimensional do construto, dividida entre fatores intrínsecos relacionados com os aspectos referentes à atividade do professor, à autonomia sentida na profissão e à interação com os alunos e fatores extrínsecos, com questões abrangendo o salário, as oportunidades de progressão na carreira e o reconhecimento, as condições materiais de trabalho e as relações com colegas e órgãos de direção (Seco, 2000).

Com efeito, esta diferenciação tem-se revelado muito útil para a compreensão do processo de satisfação, realçando-se, em muitos estudos, a preponderância das variáveis de natureza intrínseca ao trabalho (Seco, 2001). Um dos estudos de referência realizado em Portugal, no âmbito dos incentivos responsáveis pela motivação dos professores (Jesus, 1996), aponta para os incentivos intrínsecos à atividade docente, nomeadamente os que decorrem do processo de ensino-aprendizagem, como os fatores de maior peso na determinação da satisfação profissional. Também Alves (1994), no estudo realizado com professores do distrito de Bragança, verificou que os professores tinham uma perceção pessoal de satisfação, fundamentada em motivos intrínsecos, nomeadamente o gosto de ser professor e a realização pessoal. Por sua vez, Santos (1996) concluiu que a responsabilidade, a realização e o trabalho em si foram os fatores que contribuíram para a satisfação e tidos como verdadeiros motivadores.

Também na área da educação física, encontramos estudos (Andrews, 1993; Folle, 2011; Folle & Pozzobon, 2007; Folle, Pozzobon, & Brun, 2005; Soriano & Winterstein, 1998) que confirmam a importância dos fatores de natureza intrínseca. As conclusões destes estudos posicionam-se na linha de outros autores, para quem a satisfação dos professores parece estar mais relacionada com fatores afetivos e humanos, enquanto a insatisfação se prende, sobretudo, com fatores de ordem extrínseca, nomeadamente questões de política educativa (Barros, Neto, & Barros, 1991; Moreno, 1998; Pedro & Peixoto, 2006; Seco, 2001).

Entre os fatores de ordem intrínseca, que concorrem para a satisfação no âmbito da docência, os vários estudos apontados anteriormente têm vindo a realçar a importância, sobretudo, da natureza interessante do trabalho; da diversidade de tarefas e de oportunidades de utilização de competências e capacidades valorizadas pelo indivíduo; da importância da relação com os alunos; do grau de autonomia percebido; do sentido de responsabilização e de realização; do grau de implicação e de eficácia pessoal no trabalho; das oportunidades para o desenvolvimento de novas aprendizagens e do envolvimento nas tomadas de decisão. E, apesar de todos estes fatores serem conceptualmente distintos, eles partilham, no entanto, uma característica em comum, o facto de serem perspetivados como mentalmente interessantes e desafiantes.

## Método

### Pré-Teste: amostra e procedimentos

Após a definição de um sistema de categorias, resultante do quadro conceptual existente e da análise de um conjunto de entrevistas que realizámos previamente, procurando definir um quadro categorial interpretativo das opiniões dos professores a nível do construto analisado, definimos um conjunto de itens relativos a esta categorização. Assim, a *Escala de Satisfação dos Professores de Educação Física (ESPEF)* ficou com 37 itens, sendo composta exclusivamente por respostas fechadas e estruturadas segundo o modelo da escala de *Likert*. Depois da sua elaboração, a escala foi testada, junto de oito professores especialistas, com o intuito de verificar, entre outros aspetos, se todas as questões eram compreendidas pelos inquiridos, se não haveria perguntas inadequadas à informação pretendida ou repetitivas, se não faltariam itens relevantes ou se os inquiridos não considerariam a escala demasiado longa e difícil. Para além destes aspetos de natureza estrutural, a nossa intenção com a testagem seria, também, avaliar os seus índices psicométricos. Este procedimento permitiu, também, averiguar as condições em que a escala deveria ser aplicada, a sua qualidade gráfica e a adequação das instruções que a acompanham. Este grupo de professores foi encorajado a fazer observações e sugestões respeitantes à estrutura da escala e a cada uma das suas perguntas.

De seguida, conduziu-se um pré-teste, sendo a escala aplicada a uma amostra de 40 professores de Educação Física dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário, pertencentes à população do inquérito (mas que não fizeram parte da amostra selecionada).

Dos 40 professores iniciais a nossa amostra ficou reduzida a 33, devido à omissão de dados pessoais ou profissionais e/ou por falta ou duplicação de respostas a alguns itens da escala e cuja caracterização por sexo, idade, instituição de formação inicial, tempo de serviço, situação profissional e habilitações académicas se encontra sistematizada no Quadro 1.

#### Quadro 1

##### Caracterização da Amostra (Pré-Teste)

	Variáveis Pessoais							
	Sexo		Idade			Instituição	Formação Inicial	
	Feminino	Masculino	26 a 35	36 a 45	46 a 55	ISEF	FAC	ESE
N	19	14	12	14	7	4	17	12
%	57.6	42.4	36.4	42.4	21.2	12.1	51.5	36.4

Variáveis Profissionais								
	Tempo Serviço				Situação Profissional		Habilitações Acadêmicas	
	< / =5	6 /15	16 /25	26 /35	Efetivo	Contratado	Licenciatura	Mestrado
N	3	16	9	5	5	28	29	4
%	9.1	48.5	27.3	15.2	15.2	84.8	87.9	12.1

Procedemos, depois, à análise de consistência interna da escala global e das diferentes dimensões da *ESPEF* que veio a revelar uma boa consistência interna com um valor de 0.77, enquanto que as diferentes dimensões, *Natureza do Trabalho, Recompensas Económicas e Sociais, Condições de Trabalho e Relações com Colegas e Órgãos de Gestão*, apresentaram respetivamente valores de 0.69, 0.68, 0.79 e 0.59. Partindo do pressuposto de que um instrumento que apresente uma consistência interna de .70 (Cronbach, 1984; Nunnally, 1978) pode ser considerado adequado para avaliar a variável que se pretende medir considerámos que o instrumento apresentou, nesta fase, coeficientes de consistência interna adequados.

Com o intuito de aumentar o coeficiente de fiabilidade, calculámos a correlação item/questionário e, para uma análise mais fina, relativa a cada uma das dimensões do instrumento, calculámos ainda a correlação item/dimensão, isto porque, assumindo que cada item contribui para a formação da atitude que se quer medir, deve, pois, existir uma correlação estatisticamente significativa e relativamente forte entre cada item e o total (Oppenheim, 1979, 1992). No processo de validação de instrumento, a análise da correlação de cada item com o total da escala a que pertence, excluindo o item em causa, é sempre efetuada no sentido de escolher os melhores itens (Nunnally, 1978). Para um maior rigor na sua seleção, alguns autores consideram, também, que os itens devem apresentar correlações com o total da escala superiores a .30 (Cronbach, 1984; Nunnally, 1978).

Os resultados da análise da consistência interna da *ESPEF*, com 37 itens, sugeriram a eliminação dos itens 18, 34 e 37, com valores, respetivamente de 0.032, 0.279 e 0.162.

Após terem sido eliminados os três itens, a *ESPEF* ficou com 34 itens. Atendendo ao reduzido tamanho da amostra, optámos por uma seleção menos exigente, mantendo alguns dos itens que não estavam correlacionados de forma significativa com o instrumento na sua globalidade, mas cuja exclusão conduziria a valores mais baixos da escala total e da dimensão de que faziam parte.

## O estudo final: caracterização da amostra

Com a realização do pré-teste, pretendíamos realizar uma abordagem preliminar à adequação da metodologia e ao comportamento psicométrico do instrumento de avaliação. Este, como verificámos, apresentou índices de consistência interna satisfatórios, permitindo-nos avançar para um segundo estudo, abrangendo uma amostra mais extensa e diversificada de professores. No entanto, e tendo em conta que a construção de instrumentos de avaliação é um processo contínuo de análise das qualidades psicométricas das medidas elaboradas, recorreremos novamente nesta fase ao cálculo dos coeficientes alfa para a escala total e para uma das dimensões e à análise fatorial, permitindo-nos obter evidências de validade de construto da escala, nomeadamente acerca da sua dimensionalidade.

Nesta fase, a população deste estudo contemplou professores de educação física a lecionar em diferentes escolas de Portugal. Distribuímos 260 questionários por diferentes escolas do país e, após termos percorrido todas as etapas do processo, tínhamos na nossa posse 206 questionários que foi considerado o N da nossa amostra e que correspondeu a uma taxa de retorno de 79.2%, número suficiente para conduzir uma análise fatorial, tendo em conta o número de itens da escala (Stevens, 1986; Tinsley & Tinsley, 1987).

Assim, fizeram parte da amostra do nosso estudo 206 professores, cuja caracterização por sexo, idade, instituição de formação inicial, tempo de serviço, situação profissional, habilitações académicas e outras atividades profissionais se encontra sistematizada no Quadro 2.

### Quadro 2

#### Caracterização dos Participantes

Variáveis Pessoais e Profissionais											
Sexo		Idade					Instituição Formação Inicial				
Masculino	Feminino	< / =25	26 a 35	36 a 45	46 a	>55	INEF	ISEF	FAC	ESE	
		55									
N	120	84	26	83	74	34	3	9	26	107	53
%	58.7	41.3	5.6	40.3	35.9	16.5	1.5	4.6	13.3	54.9	27.2
Tempo Serviço					Habilitações Académicas						
< / =3	4 a 6	7 a 18	19a 30	>30	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento			
N	25	25	106	34	14	3	165	35	2		
%	12.3	12.3	52.0	16.7	6.9	1.5	80.6	17.0	1.0		
Outras Atividades					Situação Profissional						
Ginásios	Clube	Animação	Outros	Contratado		PQZP		PQND			
N	32	75	7	25	50		33		93		
%	23.0	54.0	5.0	18.0	28.4		18.8		52.8		

INEF- Instituto Nacional de Educação Física; ISEF- Instituto Superior de Educação Física; FAC- Faculdades; ESE- Escola Superior de Educação; PQZP- Professor Quadro Zona Pedagógica; PQND- Professores Quadro Nomeação Definitiva.

Como podemos verificar na Tabela 2, dos professores de Educação Física que participaram na investigação, 41.3% são do sexo feminino e 58.7% do sexo masculino. Relativamente à idade, 40.3% dos professores encontram-se entre os 26 e 35 anos, seguindo-se as faixas etárias dos 36 aos 45 anos com 35.9% dos professores e a dos 46 aos 55 anos com 16.5%. Observamos, também, que apenas 5.6% dos inquiridos têm idade inferior ou igual a 25 anos e 1.5% idade superior a 56 anos. Notamos, pois, por estes dados que 83% dos professores que constituem a amostra têm idade inferior ou igual a 45 anos, sendo, pois, um grupo de professores ainda não muito envelhecido.

Por sua vez, no que diz respeito à instituição de formação inicial foram obtidas 195 respostas. Como seria de esperar, o número de diplomados pelo Instituto Nacional de Educação Física é muito pouco expressivo, representando apenas cerca de 5% dos professores da amostra, o que não deixa de ser um número razoável, tendo em conta o número muito limitado de professores formados por esta escola ainda no ativo. O mesmo se aplica aos diplomados pelos Institutos Superiores de Educação Física de Lisboa e do Porto que representam uma minoria de professores no ativo, que se traduziu na nossa amostra numa percentagem de cerca de 13%. Como seria expectável, a maioria dos inquiridos, 55%, fizeram a sua formação nas instituições mais recentes, nomeadamente no ensino universitário, público e privado, e 27% no ensino politécnico, concretamente em escolas superiores de educação.

No que diz respeito às habilitações académicas, observamos que a maioria dos professores inquiridos, cerca de 81%, tem como grau académico a licenciatura, enquanto 17% possuem mestrado, 1% o grau de doutor e apenas cerca de 2% tem o grau de bacharelato. A maioria dos professores que constitui a amostra do estudo, 67.5%, referiu ainda que possui outras atividades profissionais ligadas à educação física. Entre estes profissionais, 54%, afirmaram exercer atividades em clubes e 23% em ginásios, tendo apenas 5% respondido exercer atividades de animação desportiva, enquanto 18% disseram participar/pertencer a outros espaços não nomeados.

Finalmente, no respeitante à situação profissional, e diretamente relacionado com o tempo de serviço, 28.4% dos professores estão em regime de contrato, enquanto 52.8% são professores do quadro de nomeação definitiva e 18.8% pertencem ao quadro de zona pedagógica.

## **Instrumento**

A escala, depois de modificada e adaptada, fruto da nossa reflexão pessoal, após a consulta a especialistas e à literatura da área, dos pré-testes efetuados e dos estudos de validade e fidelidade realizados (e.g. análise da consistência interna, análise fatorial exploratória e confirmatória), deu origem à versão final que a seguir

apresentamos com uma estrutura segundo o modelo da escala de tipo Likert, a exigir que os professores respondam de acordo com as seguintes alternativas: Discordo Totalmente (DT)- 1, Discordo (D)- 2, Nem Concordo Nem Discordo (NC/ND)- 3, Concordo (C)- 4 e Concordo Totalmente (CT)- 5 (Anexo 1).

A primeira dimensão, *Relações Profissionais*, composta por seis itens, refere-se a questões relacionadas com as interações profissionais, quer com professores do grupo disciplinar e de outros grupos, quer com professores em funções diretivas.

### Quadro 3

#### Itens Dimensão *Relações Profissionais*

Itens	
10.	Relaciono-me bem e estabeleço um diálogo produtivo com os meus colegas de grupo.
11.	Sinto-me satisfeito com a relação que tenho estabelecido com os órgãos de gestão.
20.	Tenho uma boa relação com os colegas de outros grupos disciplinares.
21.	Enquanto professor de educação física não me sinto diminuído pelos órgãos de gestão.
29.*	Os colegas com quem trabalho cooperam e colaboram pouco comigo.
30.	Sempre tive com os órgãos de gestão uma relação de grande cordialidade.

\*item desfavorável com ponderação invertida

Por sua vez, a segunda dimensão, *Natureza do Trabalho Docente*, composta também por seis itens, refere-se a questões relacionadas com as tarefas diárias do professor e com as relações estabelecidas com os alunos.

### Quadro 4

#### Itens Dimensão *Natureza do Trabalho Docente*

Itens	
2.	A relação que tenho com os alunos é um dos fatores que mais contribui para a minha realização enquanto professor (a) de educação física.
12.	O ensino oferece-me a possibilidade de utilizar uma variedade de competências.
13.	Sinto-me particularmente à vontade com os alunos quando estou num ginásio em situações desportivas.
22.	O ensino proporciona-me a possibilidade de ajudar os alunos a aprender e a assumirem responsabilidades.
31.	O trabalho de professor(a) de educação física é muito interessante e agradável.
34.	Os meus alunos respeitam-me enquanto professor(a) de educação física.

A terceira e última dimensão, *Autonomia Profissional*, ficou composta por quatro itens, comportando questões relacionadas com o grau de autonomia percebido e que os professores possuem para o desenvolvimento de projetos educativos.

**Quadro 5****Itens Dimensão *Autonomia Profissional***

Itens	
1.*	Gostaria de sentir mais autonomia no meu trabalho.
3.	Tenho tido sempre autonomia para desenvolver os meus projetos.
5.	Tenho tido a possibilidade de escolher o material didático e desportivo para lecionar de forma adequada uma aula de educação física.
24.	Sinto liberdade na organização do meu trabalho letivo.

\*item desfavorável com ponderação invertida

**Resultados**

No que diz respeito à fidelidade e validade da escala, realizámos o seu estudo em duas etapas distintas. Numa primeira etapa, com o objetivo de avaliar as propriedades dos itens, calculámos as suas médias, desvios-padrão e correlação com a escala (excetuando o item) e realizámos a análise da consistência interna através do coeficiente alfa de *Cronbach*. Numa segunda etapa, realizámos o processo de validação dos mesmos instrumentos, avaliando os resultados das análises fatoriais a que foram submetidos. Optámos por esta análise porque este método é considerado como um dos métodos de validação mais eficazes e poderosos, sendo, frequentemente, utilizado com instrumentos de avaliação psicológica, a fim de calcular a sua adequação para medir a dimensão que pretende avaliar (Bryan & Cramer, 1993; Cronbach, 1984; Nunnally, 1978; Stevens, 1986; Tinsley & Tinsley, 1987).

No presente estudo, a validade fatorial do instrumento foi inicialmente avaliada através da análise de componentes principais (ACP) e, posteriormente, através da análise fatorial confirmatória, testando um modelo de três fatores que emergiram como interpretáveis a partir da análise fatorial exploratória, sendo que revelaram igualmente indicadores de consistência interna bastante satisfatórios, considerando o número relativamente reduzido de itens das três dimensões.

**Análise da consistência interna**

A análise dos itens permitiu-nos verificar que dos 34 itens apenas os itens 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 13, 20, 21, 22, 24, 29, 30, 31 e 34 se correlacionam com a escala total, de forma significativa (valores > 0.30).

**Quadro 6**Estatísticas Relativas à Fidelidade do *ESPEF*

Item	Correlação Item-total	Item	Correlação Item-total
1	.41**	20	.57**
2	.45**	21	.49**
3	.45**	22	.48**
5	.39**	24	.43**
10	.53**	29	.41**
11	.60**	30	.57**
12	.49**	31	.49**
13	.37**	34	.41**

\*\*  $p < .01$

Todos os outros apresentaram valores de magnitude baixa ou moderada, por isso optámos por eliminá-los. Após a sua eliminação, foi encontrado um alfa de *Cronbach* para a escala total de 0.85, valor que se pode considerar bastante razoável.

**Análise fatorial exploratória**

Para avaliar a dimensionalidade da escala da *ESPEF* recorreremos à análise fatorial exploratória, em componentes principais, com rotação Varimax. Os resultados revelaram uma estrutura em três fatores com valores próprios superiores a 1, explicando 49.87% da variância dos resultados. No quadro 7 é apresentada a distribuição final dos itens pelos referidos fatores, bem como os valores de saturação.

**Quadro 7**Matriz fatorial da *ESPEF*

Item	Fator 1	Fator 2	Fator 3
1			0.66
2		0.50	
3			0.70
5			0.59
10	0.50	0.58	
11	0.78		
12		0.45	
13		0.69	
20	0.62		
21	0.75		
22		0.55	
24			0.62

29	0.55		
30	0.74		
31		0.67	
34		0.61	
Valor próprio	5.08	1.48	1.42
<b>% da Variância explicada</b>	31.71	9.26	8.88

O primeiro fator, designado *Relações Profissionais*, agrupa os itens 10, 11, 20, 21, 29 e 30 e explica 31.71% da variância; o segundo fator, denominado *Natureza do Trabalho Docente* agrupa os itens 2, 10, 12, 13, 22, 31 e 34 e explica 9.26% da variância; o terceiro fator, que agrupa os itens 1, 3, 5 e 24, explica 8.88%. Importa sublinhar ainda que os três fatores emergentes da análise fatorial mostraram-se internamente consistentes, apresentando alfas de *Cronbach* no valor de 0.80, 0.76 e 0.64, respetivamente.

### Análise fatorial confirmatória

As medidas de avaliação do ajustamento para verificar a adequabilidade do modelo aos resultados foram as seguintes: *chi square* ( $X^2$ ), *ratio chi square statistics/degrees of freedom* ( $X^2/df$ ), *comparitive fit index* (CFI), *goodness of fit index* (GFI) e *root mean square error of approximation* (RMSEA).

Os resultados revelaram um  $X^2$  significativo (180,499;  $gl=100$ ;  $p<.001$ ), sugerindo que o modelo em estudo não se adequa aos dados. No entanto, considerando que o  $X^2$  é bastante sensível ao tamanho da amostra, muitos investigadores têm sugerido a utilização do rácio  $X^2/gl$ , havendo algum consenso para se considerar valores inferiores a 3 como satisfatórios. No presente estudo o rácio  $X^2/gl$  foi de 1.8, revelando um ajustamento adequado. Os outros indicadores de ajustamento, designadamente o CFI com um valor de .905, o GFI com .902 e o RMSEA com .063 sugerem, igualmente, que o modelo com três fatores se ajusta de forma aceitável aos dados, confirmando uma estrutura em três dimensões na satisfação profissional dos professores de educação física. Temos, assim, como primeiro fator *Relações Profissionais*, que compreende os itens 10, 11, 20, 21, 29 e 30, como segundo fator *Natureza do Trabalho Docente*, que compreende os itens 2, 10, 12, 13, 22, 31 e 34 e o terceiro fator *Autonomia Profissional* com os itens 1, 3, 5 e 24.

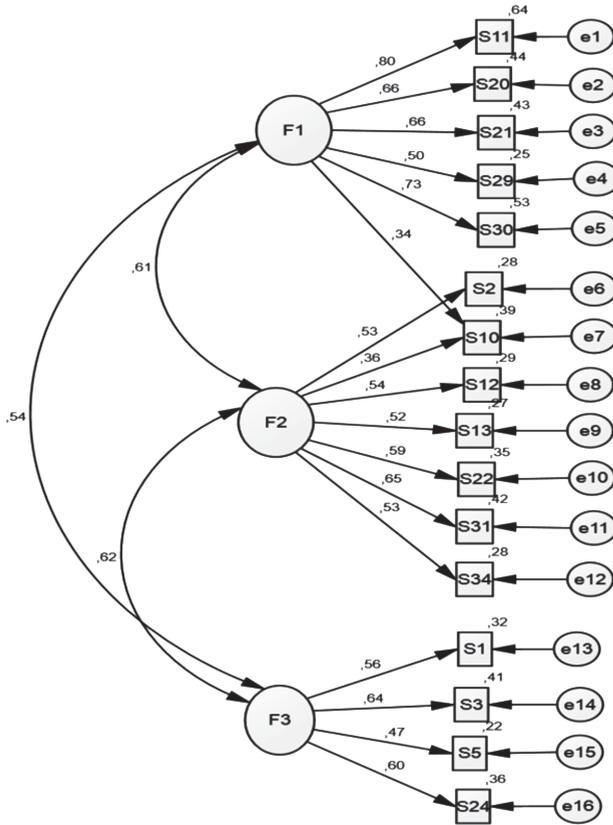


Figura 1. Modelo final proposto.

## Discussão e conclusões

Na área da educação física a problemática da (in)satisfação docente tem vindo também a assumir no início deste século, uma importância cada vez mais acentuada, como se pode comprovar pelos estudos que recentemente têm sido desenvolvidos por todo o mundo (Aldmour, 2011; Folle et al., 2008; Folle & Pozzobon, 2007; Folle, Pazzobon, & Brum, 2005; Iaochite, Azzi, Polydoro, & Winterstein, 2011; Kafkas, Kafkas, Karademir, & Koc, 2011; Koustelious & Tsigilis, 2005; Santini & Molina, 2005; Singh, Sharma, & Kaur, 2009; Yaman, 2009). No entanto, apesar do volume de investigação, pensamos que ainda existem algumas questões por responder devido, sobretudo, à falta de clarificação teórica e metodológica. Com efeito, além da variedade de abordagens conceptuais ter conduzido ao desenvolvimento de diferentes instrumentos de medida,

o que tem gerado problemas de conceptualização e de validade do construto no âmbito da investigação neste campo, também havia que olhar a partir da realidade portuguesa. E foi, sobretudo, por essa razão que decidimos construir um instrumento que nos permitisse avaliar, especificamente, a satisfação dos professores de educação física.

Apesar de o número exato e de a natureza dos fatores variarem de investigação para investigação, os resultados apoiam consistentemente uma perspetiva multi-dimensional do construto, dividida entre fatores intrínsecos relacionados com os aspetos referentes à atividade do professor, à autonomia sentida na profissão e à interação com os alunos e fatores extrínsecos, com questões abrangendo o salário, as oportunidades de progressão na carreira e o reconhecimento, as condições materiais de trabalho e as relações com colegas e órgãos de direção (Seco, 2000). Foi, pois, também apoiados nestes fatores que definimos um sistema de categorias e realizámos as entrevistas que serviram de base à construção do instrumento.

Após a realização de um pré-teste, e posteriormente administrada a *Escala de Satisfação de Professores de Educação Física*, concluímos que o instrumento possui qualidades psicométricas satisfatórias. A análise da consistência interna dos três fatores identificados - *Relações Profissionais*, *Natureza do Trabalho Docente* e *Autonomia Profissional* - revelou que se trata de um instrumento fidedigno. Ora, uma vez que estes fatores se apresentam internamente consistentes e bem definidos pelos itens, concluímos que a escala revela qualidades psicométricas satisfatórias, pelo que nos parece interessante o seu uso em futuros estudos a desenvolver nesta área.

Na verdade, para além de bons indicadores de validade, globalmente, as medidas aplicadas caracterizam-se por uma fidelidade que consideramos boa ou adequada e com estruturas fatoriais interpretáveis, pressupondo, portanto, que avaliam, de forma consistente, as variáveis que pretendem medir, constituindo-se como uma escala capaz de contribuir para avaliar a satisfação profissional dos professores de educação física.

Em síntese, podemos afirmar que o instrumento de investigação que construímos é válido para avaliar a satisfação profissional destes professores, medindo três dimensões distintas deste construto: a dimensão *Relações Profissionais*, apontando para as interações profissionais entre professores da mesma área e de outros grupos disciplinares, e de professores que se encontram no exercício de funções diretivas; a dimensão *Natureza do Trabalho Docente*, relacionada com as tarefas do professor e com as relações com os alunos; e a dimensão *Autonomia Profissional* referente à autonomia sentida no exercício da profissão.

No entanto, também reconhecemos a necessidade de realizar investigação adicional que teste um modelo que inclua outros fatores, sobretudo, de natureza extrínseca, relacionados, por exemplo, com aspetos referentes ao salário, ao reconhecimento social ou às condições materiais de trabalho, já identificados por Seco (2000), e que na presente investigação não se vieram a confirmar.

## Referências bibliográficas

- Aldmour, H (2011). Job Satisfaction among teachers and supervisors of physical education at Al-Balqa Applied University in Jordan. *European Journal of Social Sciences*, 23(2), 205-219.
- Alves, F. (1994). A (in)satisfação docente. Estudo de opiniões dos professores efectivos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário do distrito de Bragança. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28(1), 29-60.
- Andrews, J. (1993). O stress nos professores de **educação física dos nossos dias. Uma perspectiva internacional**. *Boletim SPEF*, 7/8, 13-25.
- Barros, J., Neto, F., & Barros, A. (1991). Nível de satisfação dos professores - teoria, investigação. *Psychologica*, 5, 53-63.
- Bryan, A., & Cramer, D. (1993). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS* (2.ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Cronbach, L. (1984). *Essencial of psychological testing* (4.ª ed.). New York: Harper & Row.
- Ferreira, A., Moreira, J., & Ferreira, J. (2011). Percepções sobre o estatuto socioprofissional dos professores de educação física em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Extra-Série, 205-223.
- Folle, A. (2011). Satisfação no ambiente de trabalho: estudos com professores de educação física brasileiros. In J. S. Júnior (Org.), *Interfaces multidisciplinares na saúde aplicadas na formação do profissional em educação física* (pp. 177-191). Uberaba/MG: UFTM.
- Folle, A., Borges, L., Coqueiro, R., & Nascimento, J. (2008). Nível de (in)satisfação profissional de professores de educação física da educação infantil. *Motriz*, 14(2), 124-134.
- Folle, A., & Pozzobon, M. (2007). Professional satisfaction of physical education teacher. *FIEP Bulletin*, 77, 298-302.
- Folle, A., Pozzobon, M., & Brum, C. (2005). Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de educação física. *Revista da Educação Física/UEM*, 16(2), 145-154.
- laochite, R., Azzi, R., Polydoro; S., & Winterstein, P. (2011). Autoeficácia docente, satisfação e disposição para continuar na docência por professores de educação física. *Revista Brasileira Ciências Esporte*, 33(4), 825-839.
- Jesus, S. (1996). *A motivação para a profissão docente. Contributo para a clarificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores*. Aveiro: Estante Editora.
- Kafkas, M., Kafkas, A., Karademir, T., & Koc, H. (2011). An Analysis of job satisfaction and life quality of physical education teachers. *Pakistan Journal of Social Sciences*, 8, 284-288.
- Koustelios, A., & Tsigilis, N. (2005). The relationship between burnout and job satisfaction among physical education teachers: a multivariate approach. *European Physical Education Review*, 11, 189-203.
- Lester, P. (1982). *Teacher Job Satisfaction Questionnaire (TJSQ)*. Manuscrito não publicado, Long Island University, New York, USA.
- Moreno, J. (1998). Motivação de professores: Estudo de factores motivacionais em professores empenhados. *Revista Portuguesa de Educação*, 11(1), 87-101.

- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Oppenheim, A. (1979). *Questionnaire design and attitude measurement*. Londres: Morrison & Gibb.
- Oppenheim, A. (1992). *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. Londres: Pinter Publishers.
- Pedro, N., & Peixoto, F. (2006). Satisfação profissional e auto-estima em professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico. *Análise Psicológica*, 24(2), 247-262.
- Santini, J., & Molina Neto, V. (2005). A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, 19(3), 209-222.
- Santos, F. (1996). *Atitudes e crenças dos professores do ensino secundário: satisfação, descontentamento e desgaste profissional*. Lisboa: Instituto Inovação Educacional.
- Seco, G. (2000). *A Satisfação na actividade docente*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Seco, G. (2001). A Satisfação dos professores: algumas implicações práticas para os modelos de desenvolvimento profissional docente. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 25(2), 83-102.
- Singh, R., Sharma, R., & Kaur, J. (2009). A Study of job satisfaction among physical education teachers working in government, private and public schools of Haryana. *Journal of Exercise Science and Physiotherapy*, 5(2), 106-110.
- Soriano, J., & Winterstein, P. (1998). A satisfação no trabalho do professor de educação física. *Revista Paulista de Educação Física*, 12(2), 145-159.
- Stevens, J. (1986). *Applied multivariate statistics for the social sciences*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tinsley, H., & Tinsley, D. (1987). Uses of factor analysis in counseling psychology research. *Journal of Counseling Psychology*, 34(4), 414-424.
- Yaman, Ç. (2009). Job satisfaction levels of formative physical education teachers. *Journal of Human Sciences*, 6(1), 683-711.

## Anexo 1

### ESCALA DE SATISFAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA (ESPEF)

**Moreira, Ferreira & Ferreira, 2014**

As afirmações que se seguem referem-se a fatores relevantes para compreender o seu grau de satisfação enquanto professor de educação física.

Indique o seu grau de acordo ou desacordo com as seguintes afirmações, usando a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente (DT)	Discordo (D)	Nem Concordo Nem Discordo (NC ND)	Concordo (C)	Concordo Totalmente (CT)

1. Relaciono-me bem e estabeleço um diálogo produtivo com os meus colegas de grupo	1 2 3 4 5
2. A relação que tenho com os alunos é um dos fatores que mais contribui para a minha realização enquanto professor(a).	1 2 3 4 5
3. Gostaria de sentir mais autonomia no meu trabalho.	1 2 3 4 5
4. Sinto-me satisfeito com a relação que tenho estabelecido com os órgãos de gestão	1 2 3 4 5
5. O ensino oferece-me a possibilidade de utilizar uma variedade de competências.	1 2 3 4 5
6. Tenho tido sempre autonomia para desenvolver os meus projetos.	1 2 3 4 5
7. Tenho uma boa relação com os colegas de outros grupos disciplinares.	1 2 3 4 5
8. Sinto-me particularmente à vontade com os alunos quando estou num ginásio em situações desportivas.	1 2 3 4 5
9. Tenho tido a possibilidade de escolher o material didático e desportivo para lecionar de forma adequada uma aula de educação física.	1 2 3 4 5
10. Enquanto professor de educação física não me sinto diminuído pelos órgãos de gestão.	1 2 3 4 5
11. O ensino proporciona-me a possibilidade de ajudar os alunos a aprender e a assumirem responsabilidades.	1 2 3 4 5
12. Sinto liberdade na organização do meu trabalho letivo.	1 2 3 4 5
13. Os colegas com quem trabalho cooperam e colaboram pouco comigo.	1 2 3 4 5
14. O trabalho de professor(a) de educação física é muito interessante e agradável.	1 2 3 4 5
15. Sempre tive com os órgãos de gestão uma relação de grande cordialidade.	1 2 3 4 5
16. Os meus alunos respeitam-me enquanto professor(a) de educação física.	1 2 3 4 5

**Notas:**

- os itens 3 e 13 são itens desfavoráveis com ponderação invertida.
- Tendo em consideração que foram eliminados itens da escala inicial, foi atribuída uma nova numeração aos itens da escala final (à exceção do item 2) que ficou, no total, com 16 itens. Assim, o item 1 corresponde ao item 10 da escala inicial; o item 3 ao item 1; o item 4 ao item 11; o item 5 ao item 12; o item 6 ao item 5; o item 7 ao item 20; o item 8 ao item 13; o item 9 ao item 5; o item 10 ao item 21; o item 11 ao item 22, o item 12 ao item 24; o item 13 ao item 29; o item 14 ao item 31; o item 15 ao item 30; e o item 16 ao 34, respetivamente.